

Discussão sobre infância e corpo

Organizada por Márcia Buss Simão

Descrições fundacionalistas e antifundacionalistas:

Há hoje ampla concordância em que uma teoria social adequada deve fornecer uma explicação quanto ao corpo e ao papel que ele desempenha nas relações sociais. Durante muito tempo isso foi difícil porque a sociologia e a biologia atuavam em torno de definições que excluía-se mutuamente, sendo os limites de cada disciplina traçados de modo a legitimar uma divisão de trabalho conveniente mas essencialmente enganosa (James, Jenks e Prout, 2000:209).

Falando em sentido amplo, poder-se-ia dizer que o construcionismo social corre o risco de substituir um reducionismo por outro: em resumo, o corpo e a criança apresentam-se como efeitos de relações sociais, deixando pouco espaço para o corpo/criança como ente físico ou corpóreo (James, Jenks e Prout, 2000:208). “Ambos espelham o duplo reducionismo acima mencionado e envolvem pressupostos ontológicos e epistemológicos contraditórios em todo nível” (James, Jenks e Prout, 2000:210).

Os perigos de uma concepção fundacionalista do corpo são bem exemplificados por grande parte da pesquisa psicológica sobre a percepção corporal em desenvolvimento na criança (James, Jenks e Prout, 2000:211).

(...) este tipo de enfoque exclui qualquer investigação sobre como as concepções infantis quanto ao corpo vinculam-se com as relações sociais e culturais da infância (James, Jenks e Prout, 2000:211).

Os perigos de uma concepção antifundacionalista é que eles “recusam-se a fazer essa distinção entre o corpo e as representações que são feitas dele. No caso extremo, os antifundacionalistas raciocinam de modo absolutamente idealista: que não existe corpo material algum, havendo apenas as nossas percepções dele, que são moldadas por circunstâncias sociais. Algo menos extremada é a concepção de que, ainda que se admita a materialidade do corpo, nós só temos acesso a ele mediante discursos de diversos tipos” (James, Jenks e Prout, 2000:211).

O corpo inviolável: abuso infantil

Os autores ao tratarem dos avanços sobre os conhecimentos e respeito às crianças afirmam que: “Na verdade, se a lógica desses raciocínios atingisse seu ponto culminante, o próprio fenômeno do maltrato infantil já teria desaparecido” (James, Jenks e Prout, 2000:217).

O corpo experimental da infância

Embora o corpo, como arranjo discursivo, diga muito sobre o papel de profissões como a medicina e sua participação na criação de arcabouços pelos quais o corpo é compreendido, ele tem pouco a dizer sobre o corpo como ente objeto de experiência (James, Jenks e Prout, 2000:218).

Os estudos de James se tornam importantes pois: James (1993) observa que diferenças corporais (de estatura e peso) têm sido utilizadas para criar "a criança" como categoria diversa nas culturas ocidentais (James, Jenks e Prout, 2000:219).

James mencionou em sua etnografia cinco aspectos do corpo que pareciam ter especial significação para as crianças que ela estudou: estatura, forma, aparência, sexo e desempenho. Cada um desses aspectos funcionava como fonte flexível e mutável para as interações, identidades e relacionamentos em formação das crianças (James, Jenks e Prout, 2000:219).

James enfatiza a não passividade das crianças neste processo: O que elas faziam era assimilá-los ativamente e usá-los para compreender não somente seus corpos mas também seus relacionamentos com outros corpos interações, identidades e relacionamentos em formação das crianças (James, Jenks e Prout, 2000:219).

Os estudos de Bluebond-Langner (1978) trazem a importância de sondar o contexto social em que as crianças interpretam a diferença corporal: a autora traz estudos com crianças doentes.

Em certo sentido, então, esses dois tipos de descrição, embora baseados em pressupostos muito diferentes quanto ao corpo, podem ser entendidos como complementares por levantarem indagações diferentes mas igualmente válidas (James, Jenks e Prout, 2000:222/223).

Reduccionismos e como evitá-los

Para superar as dificuldades ele [B. S. Turner (1984)] propõe uma forma de ecletismo metodológico, como o que pode ser obtido colocando lado a lado diferentes descrições de corpos na infância (James, Jenks e Prout, 2000:222).

Shilling (1993) tenta obter uma síntese por outro caminho; esta síntese parte da tese de que o corpo está inacabado no nascimento e que, no curso da vida, ele vai mudando mediante processos simultaneamente biológicos e sociais (James, Jenks e Prout, 2000:223).

Shilling ainda sugere: de que a partir do momento em que conferimos ao corpo uma existência biológica/física, podemos começar a verificar como ele é modelado pela sociedade por meio de hábitos sociais tais como dieta ou regimes disciplinares, e por processos simbólicos que fornecem interpretações para o corpo (James, Jenks e Prout, 2000:224).

Infância e corporificação

Esse processo de corporificação gradativo e aprendido a que Elias alude, pelo qual certas formas de comportamento tornam-se automáticas porque acham-se enraizadas na prática corporal, é fundamental na descrição de classe social elaborada por Bourdieu (1986) (James, Jenks e Prout, 2000:225).

Além dos capitais *cultural*, *social* e *econômico* definidos por Bourdieu os autores acrescentam a noção de *capital físico*.

Seguindo o pensamento de Bourdieu poder-se-ia afirmar, logo, que as crianças nascem na diferença de classe, assimilam-na e vivenciam-na desde os primeiros dias de vida através de seus corpos (James, Jenks e Prout, 2000:226).

(...) enquanto o conceito de "habitus" dá lugar a que se compreenda a ação das crianças tanto por assimilação como transformação da cultura e das relações sociais, ao mesmo tempo há uma propensão, e bem forte, a atribuir-lhes apenas o papel de produtos da reprodução, simples corporificações de seus pontos passivos de transmissão (James, Jenks e Prout, 2000:226).

Com base no conceito de sociabilização: (...) a obra de Bluebond-Langner, acima comentada, sugere que é bastante promissor em termos analíticos conciliar uma perspectiva que inclui *tanto* uma apreciação da importância da corporificação *quanto* do papel ativo

das crianças, assimilando e construindo seu mundo social por meio dessa corporificação (James, Jenks e Prout, 2000:226).

O caráter ativo de participação e não só assimilação das crianças neste processo pode ser exemplificado com as evidências etnográficas de Toren (1993): crianças com diferentes idades sustentam conceitos relativos ao mundo social que são inversões diretas dos sustentados pelos adultos (James, Jenks e Prout, 2000:228). Ela exemplifica que as crianças atribuem um status de indivíduo ao espaço que ocupam no ritual, enquanto os adultos fazem o contrário, atribuem o significado do espaço às pessoas que o ocupam.

Christensen (1993) amplia esta questão da diferente estrutura de significado e expressão corporal mostrando que as crianças podem exprimir experiências corporais de modo bem diferente dos adultos que cuidam delas (James, Jenks e Prout, 2000:229).

Produzindo o corpo sexuado

Se o corpo deve ser, por conseqüência, compreendido como ente tanto biológico como social - mas inacabado em ambos aspectos (...) as diferenças de sexo e o modo como elas se originam são um excelente exemplo (James, Jenks e Prout, 2000:230).

Conclusões: o corpo traduzido

(...) é necessário examinar os limites dos corpos das crianças e como eles são vivenciados, construídos e mudados pelas interpretações e traduções dos adultos, das crianças, da natureza e da tecnologia (James, Jenks e Prout, 2000:235)

Essa falta de precisão a respeito dos corpos das crianças pode ser portanto, de certo modo, uma oportunidade perdida: embora esses novos enfoques da pesquisa sobre a infância dêem grande relevância às crianças como agentes ativos na vida social, muitas vezes não conseguem perceber a importância da corporificação nos processos por meio dos quais as crianças participam da vida social (James, Jenks e Prout, 2000:208).

(...) muito recentemente Shilling (1993) sugeriu que o corpo, mais do que diretamente ausente, tem estado na sociologia como uma presença ausente. Ele tem sido admitido, mas não claramente teorizado ou problematizado (James, Jenks e Prout, 2000:210).

